

A INVENÇÃO DAS MULHERES: TRÊS DÉCADAS DE REFLEXÕES E ABORDAGENS SOBRE GÊNERO, COLONIALISMO E DECOLONIALIDADE

Oyèrónké Oyěwùmí

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. **The Invention of women: three decades of reflections and perspectives on gender, colonialism and decoloniality.** Conferência apresentada na Rectoría de la Universidad de Costa Rica, em 23/05/2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YMr6SokopM>. Acesso em 10/06/2024. Tradução para uso didático por wanderson flor do nascimento. Revisão de Aline Matos da Rocha.

Boa tarde a todas as pessoas. Saudações!

Estou honrada com o convite para partilhar meu trabalho e agradeço o esforço de várias pessoas para me trazerem aqui.

Esta é a minha primeira visita à Costa Rica e à América Central. Tenho alguma experiência na América do Norte, óbvio, e experiência na América do Sul porque estive na Colômbia e já estive no Brasil. Na verdade, já estive muitas vezes no Brasil. Assim, estou feliz por estar aqui e agradeço por terem vindo me ouvir.

Gostaria de começar afirmando minha posicionalidade e, tomando emprestadas algumas palavras de Walter Mignolo, gostaria de articular meu *locus* de enunciação¹. Estou diante de vocês esta tarde como uma africana, uma mulher africana e o meu trabalho está localizado na história e nas experiências de África.

Mas devo acrescentar imediatamente que a história de África é a história global, é a história de todas as pessoas, porque uma mulher africana fez nascer a humanidade. Por isso, o título da minha conferência de hoje é “*A invenção das mulheres: três décadas de reflexões e abordagens sobre o colonialismo, gênero e decolonialidade*”.

O título deriva do meu reconhecido livro *A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero*. Disseram-

¹ Conforme MIGNOLO, Walter. **Local Histories/global Designs: Coloniality, Subaltern Knowledges, and Border Thinking.** Princeton University Press, 2012, p. 123 (N.T.).

me que o livro é agora um clássico e segue despertando muito interesse nas Américas, especialmente depois de sua tradução para o espanhol e o português.

As palavras-chave no título da conferência são gênero, colonialismo e decolonialidade. Refletirei sobre esses conceitos e suas imbricações, mas devo, desde o início, adicionar outra palavra que não é mencionada no título, mas está na frente, no centro e atrás do meu trabalho. A palavra é *raça*. Afinal não há gênero sem raça. Raça talvez esteja faltando no título, mas está sempre presente, assim como *conhecimento*. Ainda mais em função da dominância quase total dos estudiosos eurocêntricos na produção do conhecimento.

Na primeira parte da conferência, começarei de forma mais ampla para nos dar uma ideia de como percebo o mundo em que nos encontramos, e o mundo sobre o qual estou escrevendo, na segunda parte falarei sobre decolonialidade e na terceira parte da conferência, discutirei meu trabalho sobre gênero e depois me dedicarei ao trabalho de Judith Butler, uma feminista que muitos de vocês conhecem, e, na última parte da conferência, uma das perguntas que me coloco, e que está sendo colocada numa reflexão como esta, é que nos últimos 30 anos, pelo menos desde que escrevo, o que mudou? E concluo com uma nota sobre isso.

A Era do Terror

A Era do Terror foi inaugurada em 1492, e recebeu muitos nomes: a Era da Modernidade, Era da Exploração, Era dos Descobrimentos, Era da Expansão Colonial Europeia, Era de Colombo descobrindo o Novo Mundo; tinha todos esses nomes. Tudo menos seu verdadeiro nome. Para muitos ao redor do mundo, foi a Era do Terror, em função dos genocídios dos nativos americanos, do holocausto africano, do comércio de cativos e da escravidão, da escravidão sexual e o terror diário da escravidão, para citar alguns processos traumáticos.

Foi um período durante o qual a supremacia branca foi sendo estabelecida com os americanos como o cadinho da operação do novo sistema. Não é de surpreender que a nova era não tenha sido descrita como a Era do Terror, porque, da perspectiva eurocêntrica, a partir da qual viemos a apreender o nosso mundo

atual, não foi assim. Mas pensar que não foi assim, que a Era do Terror que não foi inaugurada em 1492, é uma mentira que deixamos prosseguir.

Deixar que essa mentira siga é uma questão de poder para quem conta as histórias, quem reúne o conhecimento, quem apresenta as narrativas. Quem tem o controle sobre o que as pessoas acreditam e no que acreditamos sobre nós.

Neste ponto, uma das minhas citações favoritas é de Bryan Stevenson, o ativista afro-estadunidense pela justiça social e professor de direito, ao pontuar que no contexto da escravidão negra nos EUA:

O maior mal da escravidão americana não foi a servidão involuntária, mas sim a narrativa das diferenças raciais que criamos para legitimar a escravidão. Porque nunca lidamos com esse mal, não acho que a escravidão terminou em 1865, apenas evoluiu.²

Em 1492, e na era de violência que se seguiu, imaginem o terror que foi desencadeado sobre os astecas por Cortés e sua tropa, e considerem esta passagem de *The Invention of the Americas*, livro de Enrique Dussel, historiador argentino-mexicano:

Nada é comparável à matança que Pedro Alvarado realizou, por pura traição, contra a nobreza guerreira asteca - quando Cortés tinha se ausentado para lutar contra Pânfilo Narváez. Convidou-os para uma festa, sem armas, num grande pátio junto aos templos: “Vieram (os espanhóis) para fechar as saídas, as entradas... Já ninguém (dos astecas) pôde sair. Imediatamente (os espanhóis) entram no pátio sagrado para matar as pessoas. (...) deram um talho no que estava tocando; cortaram seus dois braços. Depois o decapitaram; longe foi cair sua cabeça cerceada. A um tempo todos (os espanhóis) esfaqueiam, lanceiam as pessoas e lhes dão talhos; com as espadas os ferem. Atacam alguns por trás; imediatamente caíram por terra dispersas suas entranhas. De outros separaram a cabeça; deceparam-lhes a cabeça, inteiramente dilacerados ficaram seus corpos”.³

² STEVENSON, Bryan. Bryan Stevenson Brings Light to Our Criminal Justice System's Darkest Corners. Interview with Dean A. Strang. **The Progressive Magazine**. 28/12/2015. Disponível em: <https://progressive.org/magazine/bryan-stevenson-brings-light-criminal-justice-system-s-darkest-corners/>. Acesso em 10/06/2024 (N.T.).

³ DUSSEL, Enrique. **The Invention of the Americas: Eclipse of “the Other” and the Myth of Modernity**. Nova Iorque: Continuum, 1995, p. 44-45. Tradução brasileira do original espanhol: **1492, O encobrimento do outro: Origem do “Mito da Modernidade”**. Petrópolis: Vozes, 1993, p. 49-50. O texto utilizado na citação se refere aos “Informantes de Sahagún”, no Códice Florentino, livro XII, cap. 20 (N. T.).

Depois que Cortés e seu grupo massacraram os nobres e assumiram o controle dos astecas, o que eles fizeram?

as mulheres [indígenas] contra sua vontade, e as casadas contra a vontade de seus maridos, as mocinhas e meninas de dez e quinze anos contra a vontade de seus pais e mães, por ordem dos alcaides maiores e ordinários ou carregadores as tiram de suas casas e deixam seus maridos, pais e mães sem nenhum regalo, privando-os do serviço que delas podiam receber e vão forçadas servir em casas alheias de alguns encomendeiros ou de outras pessoas, quatro, cinco ou oito léguas e mais, em estâncias e manufaturas, onde muitas vezes ficam amancebadas com os donos das casas, estâncias ou manufaturas.⁴

As versões eurocêntricas desta história afirmam ter trazido a civilização do Ocidente para o *resto*. Entre o pacote de bens que se diz que o Ocidente trouxe para o resto do mundo estão o estado de direito, a democracia, os direitos humanos e assim por diante. Tendemos a associar o estado de direito à própria bondade, no entanto, outra professora de direito afro-estadunidense, Dorothy Roberts, nos lembra que:

Uma das primeiras leis dos Estados Unidos dizia respeito ao estatuto das crianças nascidas de mães escravas e geradas através do estupro cometido por homens brancos: um Estatuto da Virgínia, de 1662 tornou essas crianças escravas.⁵

Esta lei, invariavelmente, legitimou o estupro de mulheres negras e devemos lembrar que “na maior parte da história estadunidense, o crime de estupro de uma mulher negra não existia” (Roberts, 1997, p. 31).

Então, esta é Era do Terror que foi desencadeada pelo terror da escravização, das leis Jim Crow e de linchamentos de homens e mulheres negros.

A grande feminista e pesquisadora falecida bell hooks escreveu sobre o que ela chamou de branquitude na imaginação negra: “as pessoas negras associavam a branquitude com o terrível, o aterrorizante. Pessoas brancas eram vistas como terroristas”⁶.

⁴ Inédito da carta de Juan Ramirez, bispo de Guatemala, de 10 de março de 1603 (Archivo General de índias, Sevilha. Audiência de Guatemala 156), *apud* Dussel, 1993, p. 51-52 (N.T.).

⁵ ROBERTS, Dorothy. **Killing the Black Body**: Race, reproduction, and the meaning of Liberty. Nova Iorque: Pantheon Books, 1997, p.23 (N.T.).

⁶ hooks, bell. **Black Looks**: Race and Representation. Nova Iorque: Routledge, 2015, p. 170 (N.T.).

A perspectiva decolonial

Na próxima seção, falarei sobre a perspectiva decolonial.

Depois de 1992 – este foi o aniversário de 500 anos de quando Colombo se perdeu pelo Caribe –, somos informados de que houve bastante agitação entre um grupo de estudiosos deste hemisfério, na América Latina, por volta daquele aniversário de 500 anos. E foi nesse ponto que surgiu o que ficou conhecido como a perspectiva decolonial. A perspectiva colonial emergiu da reflexão sobre os sentidos do que deveríamos fazer de 1492, 500 anos depois.

Eles se debruçaram sobre como se deveria entender os mitos eurocêntricos sobre a Modernidade que se seguiram e alguns dos trabalhos que fizeram, quero acreditar, levaram a uma melhor compreensão da imbricação e entrelaçamento entre colonialidade e Modernidade. Assim, surge o que é chamado de perspectiva decolonial, que responsabiliza a Europa pelo genocídio, escravização, escravidão e desumanização geral dos não-brancos.

Como afirmaram alguns estudiosos, “a colonialidade e a modernidade são fenômenos mutuamente dependentes coproduzidos em um momento da história ocidental, ligado ao circuito comercial atlântico e à transformação do capitalismo em um fenômeno global, com a Europa como centro”⁷. O que possibilitou tal brutalidade e desumanização foi a colonialidade do poder, a criação de uma hierarquia centrada em uma nova categoria chamada raça.

Segundo o falecido sociólogo peruano Aníbal Quijano, essas hierarquias são a consequência de um processo iniciado há cinco séculos, o que Quijano chamou de *colonialidade do poder*: um processo constitutivo da modernidade. O período inaugurou um sistema global em torno de um novo padrão de poder. Foi um capitalismo eurocentrado em que o eixo fundamental e modelo de poder é a classificação social da população mundial em torno da ideia de raça, uma construção

⁷ HANSON, Anne Marie; MILLER, Jacob; ROUTSON, Rafael. Review on Coloniality at Large: Latin America and the Postcolonial Debate, edited by Mabel Moraña. *Antipode*, v. 43, n. 5, 2011, p. 1939-1940 (N.T.).

mental que foi naturalizada e biologizada. A superioridade racial inata foi apresentada como a explicação de por que os europeus dominaram outros grupos e por que eles substituíram formas anteriores de domínio.

O segundo processo que Quijano destacou foi o que ele chamou de nova estrutura de controle do trabalho. Esta nova estrutura foi uma articulação de todas as estruturas anteriores historicamente conhecidas de controle do trabalho – escravidão, servidão, a pequena produção independente de mercadorias e a reciprocidade – em torno e sobre a base do capital para mercado mundial. Quijano escreveu:

Ao constituir esta classificação social, a colonialidade permeia todos os aspectos da existência social e dá origem a novas identidades geoculturais⁸. A Europa foi mitologicamente entendida como anterior a este padrão de poder como um centro capitalista mundial que colonizou o resto do mundo.⁹

Quijano foi muito preciso e muito profundo sobre a questão da raça como uma categoria colonial, mas ele parecia não entender muito sobre gênero. E María Lugones, depois de ler meu trabalho e o trabalho de uma pesquisadora indígena estadunidense¹⁰ foi capaz de repreender Quijano e salientou que o gênero estava implicado e que o sistema de gênero, distante de ser apenas um meio de produção, era também um meio de exploração e controle entrelaçado com a raça.

Gênero e raça fazem parte da matriz de dominação que constituiu a colonialidade do poder e a modernidade colonial. Uma compreensão plena da colonialidade do poder não pode ser realizada sem atenção ao gênero, portanto a raça é uma categoria colonial e, no meu próprio trabalho, sobre o qual falarei posteriormente, mostro que, na sociedade em que estudei na África Ocidental e em grande parte da África, o gênero também é uma categoria colonial.

⁸ Aníbal Quijano *apud* LUGONES, María. Heterosexualism and the Colonial/Modern Gender System. *Hypatia*, Volume 22, Number 1, Winter 2007, p. 190 (N.T.).

⁹ LUGONES, María. Heterosexualism and the Colonial/Modern Gender System. *Hypatia*, Volume 22, Number 1, Winter 2007, p. 192 (N.T.).

¹⁰ Oyèwùmí se refere à leitura que Lugones fez de ALLEN, Paula Gunn. *The Sacred Hoop*. Recovering the Feminine in American Indian Traditions. Boston, Beacon Press, 1992 (N.T.).

Fazer justiça de gênero faz justiça racial; não são separáveis. E a injustiça de gênero e a injustiça racial foram a base da supremacia branca e da colonialidade que permeia nosso mundo contemporâneo.

Para o sociólogo Ramón Grosfoguel, pensando a partir de Fanon, a população da Terra passou a ser dividida pela linha do humano e pela linha do não-humano. Grosfoguel elabora, a partir da ideia fanoniana de que haveria uma linha divisória entre aqueles que são considerados humanos e aqueles que são subumanos, que o humano pertence à zona do ser e o não-humano na zona do não-ser.¹¹

Não é de admirar que, no século XXI, ainda estejamos lutando e articulando o fato de que as vidas negras importam. Ultimamente, me peguei pensando sobre toda essa questão da zona do ser e do não-ser do humano, aqueles que são humanos e aqueles que não o são, quando vejo o que está acontecendo em Gaza.

Os palestinos, neste momento, parecem definitivamente ter sido arremessados para uma verdadeira zona de não-ser. Penso na criança palestina, neste momento, como o garoto-propaganda da zona de não ser.

Na experiência africana da colonialidade do poder houve duas fases de colonização europeia. A primeira fase de incorporação dos africanos no sistema capitalista global começou ainda antes de 1492, com o comércio de cativos africanos. Como afirma o grande historiador caribenho Eric Williams, “os negros foram roubados para trabalhar em terras que foram roubadas dos indígenas”¹². A segunda fase da incorporação de africanos no sistema capitalista de capitalização global ocorreu em 1884, na Conferência de Berlim, onde África foi delimitada e partilhada, como um bolo, entre vários países europeus. Eles então ocuparam fisicamente o continente e sabemos o que se seguiu em África durante este período.

¹¹ GROSGOQUEL, Ramón. El concepto de “racismo” en Michel Foucault y Frantz Fanon: ¿teorizar desde la zona del ser o desde la zona del no-ser? *Tabula Rasa*, n. 16, 2012, 79-102. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/396/39624572006.pdf>. Acesso em 11/06/2024 (N.T.).

¹² WILLIAMS, Eric. *Capitalism & slavery*. Nova Iorque: Capricorn Books, 1966, p. 9 (N.T.).

Podemos falar imediatamente de, pelo menos dois genocídios, o genocídio na Namíbia e o genocídio no Congo. Na verdade, o genocídio namibiano é conhecido como o primeiro genocídio do século XX.

A narrativa que acompanhou a dominação euro-estadunidense é a ascensão da narrativa do Ocidente. Paralelamente a esta ascensão do Ocidente, se glorifica a imposição colonial da Europa sobre o resto do mundo. Juntamente a esta ascensão da narrativa do Ocidente está aquela que chamarei de degradação da narrativa africana, que está no extremo oposto. E é o que Chimamanda Adichie chamou de história única da África¹³.

É por isso que o fato de a elaboração da colonialidade do poder estar no cadinho da Modernidade, nas Américas, meu interesse na colonialidade, como uma investigadora africana, está realçar a importância do que aconteceu, nas Américas, para o destino e o bem-estar dos africanos no continente.

Muitas vezes, a história moderna dos africanos e a história da Modernidade, a partir de uma posição estratégica africana, são contadas como se fossem iniciadas na Conferência de Berlim de 1884. Abordo a colonialidade do poder numa tentativa de dar profundidade histórica à experiência multifacetada de dominação colonial europeia em África e às suas consequências.

Devemos entender que, no momento em que a Europa aparece nas costas africanas, no século XIX, os europeus já tinham se beneficiado do máximo que a escravização africana tinha permitido. Fundamentalmente, no século XIX, os europeus se entendiam como uma espécie de seres humanos diferente do resto, mas a sua autopercepção também era diferente do que era há alguns séculos antes, porque tinham sido transformados pelas experiências de escravização africana, pela conquista dos americanos e pelo sistema de gênero racial da modernidade que foi implementado. Tornaram-se europeus e eurocêtricos, o que, entre outras coisas, é uma ideia epistemológica.

¹³ ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2009 (N.T.).

A Conferência europeia de Berlim, já era pós-colonial. Utilizo aqui deliberadamente o pós-colonial como tendo passado pelo colonialismo, tendo se beneficiado dele. Consequentemente, a ideia de colonialismo tardio associada à colonização do continente africano no século XIX, percebida em relação à colonização das Américas, do Sul da Ásia e da Ásia Oriental é um equívoco. Dá a impressão de que o processo global de colonização são vários processos e, mais significativamente, sugere o isolamento da África do capitalismo global, para o qual ela contribuiu fortemente, desde o início.

Lembrem-se de que quando Colombo chegou na Hispaniola, em 1492, ele trazia vários africanos em sua tripulação. Também estou dizendo que a forma como os africanos escravizados foram tratados na América constituíram parte de nossa história no continente, porque produziu uma Europa corpulenta que estava ansiosa, pronta e com recursos para explorar e degradar uma identidade africana.

A supremacia branca é o contexto atual em que estudamos, vivemos e nos encontramos. E este é o contexto em que escrevi meu livro e fiz meu trabalho. Assim, no resto da conferência discutirei o colonialismo, o feminismo, a decolonialidade e suas imbricações.

Colonialismo, feminismo, decolonialidade e suas imbricações

Permitam-me falar sobre *A invenção das mulheres*, que vejo como um livro que um grande número de pessoas tem utilizado em suas aulas e estou satisfeita por ter sido traduzido para o espanhol e português.

O livro *A invenção das mulheres* foi publicado em 1997, 10 anos depois de eu ter concebido o projeto pela primeira vez. Uma extensa discussão sociológica sobre a invenção de gênero argumenta que a narrativa da corporalidade de gênero que domina a interpretação ocidental do mundo social é um discurso cultural e não pode ser pressuposta em outro meio cultural.

O livro oferece um relato histórico da construção de categorias sociais como gênero, tanto na cultura ocidental quanto na sociedade iorubá do sudoeste da

Nigéria, extraindo evidências da organização familiar, da linguagem, da divisão do trabalho, da religião e das tradições orais e mostra que, ao contrário do Ocidente, o gênero não fazia originalmente parte da estrutura conceitual iorubá para dar sentido ao mundo social.

A descoberta de que, historicamente, não havia nomes de gênero, nem pronomes de gênero, nem categorias de parentesco generificadas ou instituições exclusivas de gênero nas comunidades iorubás apresentou a existência de uma episteme diferente.

Meu trabalho expôs o gênero como uma categoria colonial, questionando a ideia eurocêntrica de que as categorias de gênero são naturais, universais e inerentes à maneira como as comunidades humanas se organizam e pensam sobre si mesmas. Minha pesquisa causou uma mudança de paradigma no estudo acadêmico de gênero.

Como uma leitora afirma eloquentemente:

Talvez a coisa poderosa que *A invenção das Mulheres* fez foi forçar muitos de nós a enfrentar o fato de que se o gênero é uma construção, então segue-se que há tempos e espaços em que não foi construído. 25 anos depois, esta ideia continua a ser uma invenção revolucionária que inspirou gerações de acadêmicos e não acadêmicos a levar a sério os conhecimentos das línguas, culturas e cosmologias africanas para a compreensão mais ampla de nosso mundo.

Eu poderia dizer mais sobre o livro, mas durante as perguntas e respostas, se as pessoas quiserem saber como comecei a escrever esse livro, ficaria feliz em dizê-lo, mas agora, deixe-me passar para a próxima seção.

Com o tempo, no processo de escrita de *A invenção das mulheres*, entendi que vivemos em um mundo de supremacia branca, nascido de 500 anos de colonialidade. Assim, o contexto global para pesquisa e produção de conhecimento acadêmico é aquele em que conceitos, teorias e preocupações são determinados – ou talvez eu devesse dizer sobredeterminados – pelas experiências europeias e estadunidenses.

Consequentemente, a dinâmica desigual de poder entre África, como uma região do mundo, e a Europa e os Estados Unidos, como outra, continua a moldar o nosso mundo, embora seja um fator enorme que está sempre em jogo, mesmo

quando resistimos e falamos sobre colonizar. Apesar do fato de, em muitas sociedades africanas, historicamente, não existisse tal categoria *mulher*, que é uma categoria que já está sempre subordinada e explorada por uma categoria *homem*, as fêmeas africanas tornaram-se representantes da subordinação e degradação das mulheres.

Esta era a história que era contada por mulheres brancas, junto a feministas, que contavam a si mesmas e retratavam mulheres africanas como as mulheres mais exploradas e oprimidas do mundo; e as mulheres brancas, as feministas brancas, viam as mulheres africanas como o seu fardo e viam-se como as salvadoras das mulheres africanas.

Os estudos feministas sobre África eram uma arma de violência de gênero, outro elemento nas representações horríveis da África. Os escritos do Norte global sobre as mulheres africanas não forneceram quaisquer mudanças radicais no antigo discurso de degradar os africanos. As imagens das mulheres africanas pintadas por este campo de pesquisa reduziram-nas a um estado lamentável. As mulheres brancas não escaparam ao racismo e ao etnocentrismo que caracterizaram, geralmente, os escritos ocidentais sobre a África. Ocuparam confortavelmente o seu papel imperial.

Em um dos meus primeiros trabalhos acadêmicos sobre o assunto, acredito que escrevi isto em 1987, digo (permitam-me citar a mim mesma):

As feministas ocidentais não explicaram o seu estatuto privilegiado, em termos da sua raça e da internacionalização de um sistema capitalista de origem ocidental. Elas presumiam que era o resultado do quão longe elas haviam progredido como mulheres em sua própria sociedade. O que as mulheres brancas não percebiam era que, se fossem motivadas pela subordinação das mulheres em suas próprias sociedades, para estudar outras mulheres, isso seria possível por seu domínio econômico e racial no sistema global, e não pela agenda.

Na próxima seção, quero refletir sobre o que chamo de *armamentização do gênero* contra as mulheres africanas e as mulheres negras na diáspora. Faço isto analisando as ideias de Judith Butler, uma feminista, filósofa e teórica proeminente e icônica.

Ela acaba de publicar um novo livro intitulado *Quem tem medo de gênero?*¹⁴ Butler colocou essa questão porque uma oposição séria contra o conceito de gênero se desenvolveu em uma série de instituições conservadoras, como as igrejas católica e evangélica. Butler escreve sobre o que chama de *movimentos ideológicos antigênero* e que esses movimentos se opõem ao que consideram o enorme poder do gênero para destruir novamente a família, destruir os valores tradicionais, ameaçar a masculinidade e a feminilidade, destruir a sociedade e até mesmo a própria civilização. Papa Francisco, de fato, disse que o gênero destruirá a civilização.

A pergunta de Butler, *quem tem medo de gênero?*, é dirigida às forças religiosas e seculares conservadoras que estão infectadas pelo que parece ser uma profunda ansiedade de gênero. Butler escreve sobre o Papa Francisco:

A igreja acredita que a fluidez de gênero e a cirurgia de transição, bem como a barriga de aluguel equivalem a uma afronta à dignidade humana. O sexo atribuído a uma pessoa no nascimento, argumenta o documento, era um “presente irrevogável” de Deus e “qualquer intervenção para mudança de sexo, como regra, corre o risco de ameaçar a dignidade única que a pessoa recebeu desde o momento da concepção”.¹⁵

As pessoas que desejam uma autodeterminação pessoal, como a teoria de gênero prescreve, correm o risco de sucumbir à velha tentação de se tornarem Deus. Tudo isso para mostrar o quão importante o conceito de gênero tornou-se, especialmente neste momento. Faço a pergunta: mas são apenas as forças conservadoras que têm críticas avançadas ao gênero?

Butler também aponta como o gênero foi, nitidamente, uma imposição colonial, mas agora pelo próprio Papa Francisco. [...] A Igreja acusa as pessoas de serem coloniais. Nesse sentido, a Igreja parece ter se apropriado de algumas das antigas críticas anticoloniais de gênero, como a que apresentei em meu livro. (Quase

¹⁴ BUTLER, Judith. **Who's Afraid of Gender?** Nova Iorque: Farrar, Straus and Giroux, 2024 (N.T.).

¹⁵ The New York Times. **Vatican Document Casts Gender Change and Fluidity as Threat to Human Dignity.** 08/04/2024. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2024/04/08/world/europe/vatican-sex-change-surrogacy-dignity.html>. Acesso em: 11/06/2024 (N.T.).

quero pedir que acusem o Papa de plágio). Críticas propagadas por uma série de pesquisadores de movimentos do Sul Global.

No entanto, Butler parece subestimar o significado da crítica pós-colonial porque em alguns pontos dela, na primeira vez que ouvi sua conferência, parecem entrar em conflito com a crítica antigênero do Papa e com a crítica antigênero de Oyèwùmí. E não sou amiga do Papa. Foi a vinculação feita por Butler entre a crítica conservadora e a oposição mais progressista ao gênero por parte do sujeito pós-colonial que me levou a colocar a questão. Butler questiona: quem tem medo de gênero?

E meu próprio pensamento lê: *quem não tem medo de gênero?* Butler rotula as preocupações do movimento ideológico antigênero como um fantasma patológico exagerado e uma preocupação imaginária. Butler fica surpresa com esse movimento conservador e pergunta: “Por que alguém deveria ter medo de gênero? Nos Estados Unidos, pelo menos, o termo tem sido considerado, até recentemente, relativamente comum”¹⁶.

E eu digo: *Sério?* O que você, como Butler, acredita quando considera a experiência das mulheres afro-estadunidense? E lembro-me da citação de bell hooks novamente: “Pessoas negras associam a branquitude com o terrível, o aterrorizante”. Havia o terror cotidiano das agressões sexuais que as mulheres negras cativas sofriam nas velhas *plantations* nos EUA e até mesmo o terror da experimentação científica, como a do Dr. Marion Sims, que é chamado de pai da ginecologia.

Sims realizou cirurgias genitais e ginecológicas em escravizadas sem o auxílio de anestesia; e ele fez isso porque acreditava, e muitos ainda acreditam, que as mulheres africanas e negras não sentem dor. Em seu livro *Killing the black body*, Dorothy Roberts chama a atenção para o tormento e a tortura a que as mulheres negras escravizadas foram submetidas.

Os proprietários das fazendas ficavam felizes em entregar suas escravas a Sims para os experimentos. Entre 1846 e 1849, Sims fez

¹⁶ BUTLER, Judith. **Who's Afraid of Gender?** Nova Iorque: Farrar, Straus and Giroux, 2024, p. 1 (N.T.).

experimentos cirúrgicos em até 11 [mulheres escravizadas] de cada vez.

Acredita-se que Anarcha tenha sido submetida a mais de 30 operações. Juntamente com duas outras mulheres escravizadas, Betsy e Lucy, elas passaram por repetidos experimentos nas mãos de Sims, durante todos os anos de funcionamento do hospital.

Sims acreditava em uma crença comum de que os africanos tinham uma tolerância especial à dor. Ele nunca anestesiava suas pacientes negras. As mulheres brancas que o procuravam mais tarde, depois que a cirurgia era uma forma aceita de tratamento, não conseguiam suportar a mesma operação sem anestesia, observou Sims.¹⁷

Isto deverá eliminar quaisquer dúvidas sobre a razão pela qual devemos ter medo do gênero. Do lado africano, não devemos esquecer a odisseia de Sarah Baartman – chamada de Vênus Hotentote –, que foi anterior. Em meus próprios textos e pesquisas sobre mulheres africanas, essa escrita é um longo catálogo sobre por que o gênero é assustador. Posicionadas como mulheres africanas em um mundo dominado pelo Ocidente, temos e devemos ter medo do gênero.

Não somos, de forma alguma, consideradas iguais às mulheres brancas. Pelo contrário, o sistema de vida racial as autoriza a dominar, em nome do padrão da categoria mulher, e elas se posicionam como salvadoras das mulheres africanas e de outras mulheres em todo o mundo.

Não posso deixar de fazer um comentário aqui. Depois da decisão de Dobbs nos Estados Unidos – a decisão de Dobbs é a que anulou os direitos das mulheres ao aborto nos EUA, o que é um acontecimento muito devastador –; quando ouvi isso pela primeira vez, uma das primeiras coisas que disse foi que, em vez de as mulheres estadunidenses, as mulheres dos Estados Unidos, se salvarem, elas disseram que estavam indo para a África para salvar as africanas, quando não tinham colocado sua própria casa em ordem.

Em um capítulo que menciona explicitamente o impacto da colonização sobre várias instituições e práticas na sociedade iorubá, detalhei o efeito da imposição do Estado colonial patriarcal e lamentei o que chamo de *salários da*

¹⁷ BRINKER, Wendy. Is South Carolina Making Another Monumental Mistake by honoring J. Marion Sims?. Point. South Carolina Independent Newsmontly. **Summer**, 2000, v. 10, n. 99. Disponível em: <https://www.scpronet.com/point/0006/po6.html> (N.T.).

*colonização*¹⁸. Mais importante ainda, expus como as mulheres não podiam mais reivindicar o valor de seu trabalho, pois ele era depreciado e considerado inferior ao que os homens faziam. Portanto, a armamentização do gênero pelos colonizadores europeus e estadunidenses em todo o mundo não foi uma fantasia: seu impacto foi devastador para todos os seres vivos, inclusive os humanos, em todo o mundo.

Os africanos, muitos povos e comunidades do Sul global, os povos indígenas durante séculos têm sido aterrorizados com ideias e práticas ocidentais sobre gênero, uma categoria colonial que foi imposta. A partir dos receios que os padres católicos e outras forças conservadoras expressam sobre o gênero, hoje podem parecer rebuscados, mas historicamente a imposição das normas e instituições de gênero raciais ocidentais em todo o mundo teve o efeito de destruir famílias e sociedades.

Assim, os povos indígenas viveram sob o medo devido à imposição da colonização, distorção e apagamento. É este medo antigo emanado dos genocídios, da disposição da terra e da consequente desigualdade global, sob a hegemonia da supremacia branca para o qual chamo a atenção.

Talvez os padres da igreja se lembrem das suas próprias estratégias coloniais que usaram para devastar sociedades não-ocidentais. Neste ponto, eu não pude deixar de lembrar ou esquecer que o primeiro navio que levou cativos da África Ocidental para a Inglaterra se chamava Jesus: era conhecido como *o bom navio chamado Jesus*.

Na verdade, o tema da minha crítica de décadas ao conceito de gênero é sobre o impacto negativo terrível e calamitoso que teve. Criticar o gênero como conceito, como teoria e como prática é criticar o feminismo porque as feministas são um dos grupos com maior foco no gênero, disseminando os princípios raciais e de gênero da supremacia branca e da supremacia masculina em todo o mundo. Eles estão entrelaçados. O mundo em que vivemos, um espaço capitalista supremacista

¹⁸OYĔWÙMÍ, O. **The Invention of Women**: making an African sense of western gender discourses. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1997, cap. 4 (N.T.).

branco, é um sistema racial e de gênero patriarcal hierárquico no qual os homens brancos estão no topo, seguidos pelas mulheres brancas.

Sylvia Tamale, a professora de direito de Uganda, resume isso muito bem no que diz respeito para África quando ela escreveu:

gênero como um mecanismo de dominação colonial sobre corpos racializados não brancos. Foi nesse momento histórico em que o Ocidente subjugou a África, introduzindo seu sistema específico de sexo/gênero, que a vida cotidiana dos africanos foi transformada; seus corpos e subjetividades foram imediatamente colocados sob um novo mecanismo de governo. O novo regime de gênero controlava os corpos, as sexualidades e as subjetividades e, por meio de instituições como a educação e a religião, foi internalizado pelos africanos (e por aqueles que ele privilegia)¹⁹.

O que está diferente?

27 anos após a escrita de *A invenção das mulheres*, o que está diferente? O racismo sistemático e o sexismo sistemático contra as mulheres africanas, especialmente, desapareceram? As mulheres africanas têm menos a temer de um sistema de gênero racial global? Infelizmente, não. A derrogação e marginalização das mulheres africanas apenas se aprofundaram. Em contextos internacionais, os africanos são desconsiderados. Nossas experiências são apagadas e o continente muitas vezes não é tido como importante.

E tenho que lembrar, neste momento, que uma das coisas mais gratificantes que aconteceram este ano foi quando a África do Sul foi ao Tribunal Internacional de Justiça para demandar, na condição de comunidade global, uma investigação sobre o que estava acontecendo em Israel. Estou feliz que eles tenham conseguido fazer isso e que tenha sido levado a sério, mas isso não acontece com frequência.

Essa é a história dos africanos, três décadas depois. Considerem as experiências de Vanessa Nakate, uma jovem ativista climática de Uganda. Literalmente, sua história sintetiza metaforicamente o espaço em que nos encontramos como africanos e como mulheres africanas. Deixem-me contar isso,

¹⁹ TAMALE, Sylvia. **Decolonization and Afro-Feminism**. Ottawa: Daraja Press, 2020, p. 114 (N.T.).

com alguma extensão: Nakate chamou a atenção do público no Fórum Econômico Mundial, em Davos, Suíça, em 2020, quando a *Associated Press*, publicou uma foto dos delegados como parte da cobertura do evento. Nakate, a única delegada não branca foi cortada das imagens.

Em seu livro intitulado *A Bigger Picture: My Fight to Bring a New African Voice to the Climate Crisis* [Uma fotografia maior: Minha luta para trazer uma nova voz africana à crise climática], Vanessa narra a sua reação quando descobriu o seu apagamento da foto:

Eu não conseguia acreditar no que estava vendo – ou melhor, no que não estava. (...) Em um minuto, encontrei um link para um artigo que mostrava uma das fotos que haviam sido tiradas de nós [proclamadas ativistas por justiça]. Meu coração quase parou. Era claramente a foto em que eu estava, pois era possível ver a borda do meu casaco na extremidade esquerda do quadro. Mas eu não estava em lugar nenhum. Eu havia sido cortada. Percorri rapidamente meus sentimentos. Estava frustrada, irritada e envergonhada. Ao olhar para a imagem, tornou-se impossível ignorar que, das cinco mulheres que posaram para a foto, eu era a única que não era da Europa e a única que era negra. Percebi que eles não haviam apenas me cortado. Eles haviam cortado um continente inteiro²⁰.

A dolorosa experiência pessoal de racismo descrita por Nakate, infelizmente, não é incomum e ela entendeu a força e a profundidade disso quando resumiu, eloquentemente, como exclusão e apagamento do continente africano. Isso não é novo. Nós vivemos em um mundo de supremacia branca em que o racismo aprofunda as condutas e práticas sexistas, racistas anti-africanas, incorporadas por organizações internacionais, histórias e instituições convencionais. As práticas anti-africanas são um modo de vida no sistema global.

Por que, então, não deveríamos ter medo do biológico, que reduz os humanos aos seus corpos e o Outro – especialmente como descobrimos – é um corpo. Mas que tipo de corpo é o africano?

Anteriormente, discuti sobre o Dr. Sims e sua experimentação com mulheres africanas e a maneira como que ele as entendeu. Penso que não seria

²⁰ NAKATE, Vanessa. **A Bigger Picture: My Fight to Bring a New African Voice to the Climate Crisis**. Londres: One Boat, 2021, p. 1-2 (N.T.).

natural se elas não sentissem dor. Sims realizou nelas aquelas operações cirúrgicas. Comentando sobre a ignóbil carreira do notório ginecologista, Angela Davis, a renomada ativista negra, observou que os corpos das mulheres negras eram tratados como anomalias²¹.

Infelizmente, a desumanização e a desnaturalização dos corpos das mulheres negras estão bem vivas no século XXI. As jovens mulheres africanas estão definitivamente sentindo o peso do sistema global de supremacia branca de maneiras profundamente pessoais. Nas Olimpíadas de 2020, o gênero e a globalização colidiram sobre os corpos das mulheres africanas.

Falemos sobre a expulsão de duas mulheres namibianas – adolescentes, na verdade –, de eventos específicos de atletismo nas Olimpíadas de Tóquio, por nenhuma razão além de não se enquadrarem nas noções ocidentais do corpo feminino apropriado. Christine Mboma e Beatrice Masilingi tinham ambas 18 anos e eram relativamente desconhecidas no atletismo internacional, até aquele ano, quando começaram a correr tempos rápidos que chamaram a atenção do atletismo mundial. Descobriram que tinham o que chamaram de níveis de testosterona não naturais, superiores ao limite estabelecido pelos esportes para atletas femininas, o que levou a uma expulsão imediata, de acordo com o regulamento.

Imaginem o terror de uma jovem de 18 anos, que nunca saiu de seu país, ninguém nunca disse a ela que ela não era uma mulher ou uma menina. E eles disseram não, você tem essa coisa. O que é essa testosterona? E quem a mede? E nos diz qual é o seu significado.

Mas as namibianas não foram as primeiras mulheres olímpicas africanas a serem submetidas a tratamentos humilhantes e degradantes em nome de terem corpos que não estavam em conformidade com as normas do sistema de gênero da supremacia branca. Caster Semenya, corredora sul-africana, é um exemplo deste tipo de tratamento terrível. A história dela ilustra muito claramente os perigos e o medo do regime de gênero sob o qual somos mantidas.

²¹ Conf. DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016, p. 18 (N.T.).

Eu já disse isso antes e eu sei que quero esperar que isso nunca me assombre, mas eu realmente acredito, e não sei se alguém fará o experimento que eu disse, que se as pessoas fossem ao continente africano e tirassem nosso sangue como mulheres africanas, descobririam que a maioria de nós tem o nível errado de testosterona. Parece que temos um continente de mulheres drag. O nível de testosterona das mulheres africanas não está de acordo com o quê? Com alguém de Manhattan ou da Áustria? O que é isso?

O que é por que é que essas jovens, que cresceram em famílias e espaços africanos sem nunca terem sido tratadas como anormais, de repente tornam-se estigmatizadas, assim que encontram instituições ocidentais que falam por elas? Onde está a solidariedade da sororidade global? As Olimpíadas são emblemáticas do espaço ocidental, portanto as mulheres africanas sofrem sem recursos. Elas são uma grande metáfora para o estado da globalização e os terríveis termos sob os quais os africanos se encontram.

Um dos pontos mais importantes que notei sobre as categorias sociais ocidentais é que tais categorias, exemplificadas pelo gênero, são baseadas no corpo. As pessoas são reduzidas aos seus corpos e, portanto, derivam de um certo entendimento da biologia. Por isso, afirmo que a sociologia ocidental é, de fato, uma bio-lógica, uma lógica cultural.

Se pensarmos em Caster Semenya, como é que ela viveu em sua comunidade, sem fazer muita coisa até começar a atuar no atletismo global? Sylvia Tamale escreveu sobre o fenômeno Caster Semenya:

[Caster] se viu na interseção de gênero-fobia, homofobia, racismo e classismo. As coisas teriam sido muito diferentes se esse conhecimento estivesse situado nas cosmologias de seu povo autóctone africano, que são mais compreensivas e tolerantes com as formas não binárias de ser²².

Permitam-me terminar com alguns estudos interessantes que foram feitos sobre a genealogia da categoria gênero, de onde ela emanou. Uma das pessoas que fez um trabalho fantástico sobre isso é a socióloga sul-africana-estadunidense Zine

²² TAMALE, Sylvia. **Decolonization and Afro-Feminism**. Ottawa: Daraja Press, 2020, p. 113 (N.T.).

Magubane. Em seus estudos sobre como a categoria intersexo emergiu no discurso médico ocidental expôs sua imbricação com raça e gênero. Ela escreveu: “Um corpo branco com gênero ambíguo precisava ser corrigido para manter sua branquitude, enquanto um corpo negro com gênero ambíguo era visto como uma confirmação da diferença biológica essencial entre brancos e negros”²³.

Então, desde o início os corpos negros não foram tratados *como*, eles não eram normais. E eu não sei quando eles se tornarão normais: não deveria nos surpreender.

“Igualmente importante era a necessidade de usar a correção cirúrgica para garantir ainda mais a distribuição generificada dos privilégios sociais racialmente exclusivos, como o direito de herdar e possuir propriedades”²⁴. De modo que o interesse em garantir que alguém seja deste ou daquele gênero, como tantas coisas no sistema capitalista, está vinculado à propriedade. Quem pode possuir propriedades, quem pode herdar propriedades. E na época em que as mulheres não podiam herdar propriedades, imaginem o que alguém trans fez com o sistema...

É daí que vem muito disso. Mas o que eu acho interessante, em termos de nossa educação e formação acadêmica, é que tomamos esse conceito na Nigéria, na Gâmbia como simplesmente certo. Como se esses não fossem conceitos, não fossem coisas que vieram de histórias particulares. Todo o conceito de gênero está ligado à propriedade: quem herda, quem não herda.

Agora tenho uma compreensão mais profunda de algumas das coisas que escrevi em *A invenção das mulheres* e que eu nem sequer entendia as ramificações, porque quando me perguntam: “mas e quanto ao sistema de herança iorubá, as mulheres podem herdar?” eu respondo que sim, que nosso sistema de herança tem a ver com coletividade, não com propriedade, e ainda assim estamos comparando maçãs e laranjas.

²³ MAGUBANE, Zine. Spectacles and scholarship: Caster Semenya, intersex studies, and the problem of race in feminist theory. *Signs*, n. 39, v.3, 2014, p. 781 (N.T.).

²⁴ MAGUBANE, Zine. Op. Cit (N.T.).

Conclusões

Judith Butler. Penso em seu último livro – agora aprecio mais do que nunca a necessidade de colaboração, a necessidade de aliados, a necessidade de as pessoas trabalharem juntas, a necessidade de alianças –. Ela disse que se quisermos superar a construção ideológica antigênero, “não faz sentido que feministas ‘críticas do gênero’ se aliem a forças reacionárias para atacar pessoas trans, não binárias e queer. Apesar de nossas diferenças, temos de criar uma luta além das diferenças, que mantenha no foco a fonte da opressão”²⁵.

Ótima ideia! Mas como isso é possível?

Permitam-me terminar com esta última reflexão e isto é sobre feminismo decolonial. Há alguns meses, participei de um painel sobre o decolonial e alguém, ao se dirigir a mim, me chamou de feminista decolonial. E eu imediatamente rejeitei a referência.

Rejeitei a expressão *feminista decolonial* não porque não aprecie o que o conceito de decolonial traz para a mesa e a necessidade de descolonizar: afinal, *A invenção das mulheres* tratava sobre descolonização e a necessidade de descolonizar, mesmo antes de as pessoas começarem a usar o termo decolonial. No entanto, hoje acho que a tendência da preocupação com as palavras descolonizar e decolonial tem suas limitações. Tenho dúvidas sobre isso. Especialmente como africana.

Não estou dizendo que não devemos descolonizar, mas quando reduzimos tudo ao descolonizar, o que se diz sobre nós é que estamos reagindo, estamos reagindo ao colonizador. Sinto que sempre que a palavra colonizar surge, seja no decolonial, seja no pós-colonial, ou no que for, reinscrevemos isso, o colonizador, reinscrevemos a branquitude no centro, o que pode estar bem em certos lugares.

²⁵ BUTLER, Judith. **Who's Afraid of Gender?** Nova Iorque: Farrar, Straus and Giroux, 2024, *loc.* 240 (N.T.).

Eu não vejo como isso descreve ou explica nada sobre África. A colonização não pode ser o ponto de partida de cada coisa e de tudo. Os africanos estiveram lá desde sempre, antes mesmo de o homem branco se tornar branco.

Então, por que deveríamos começar com isso? E, então, fiz uma pergunta e terminarei com ela: se você me chamar de feminista decolonial, onde coloco Yèyé Oxum, importante orixá na tradição iorubá? Uma das fundadoras da humanidade? Então, por que deveria, por que deveria começar com o decolonial, quando estivemos aqui desde sempre?

Lembrem-se que foi uma mulher africana que fez nascer a humanidade. E, como gosto de dizer, nós inventamos a humanidade e inventamos Deus. Porque onde quer que se tenha humanidade, há Deus.

Agradeço por ouvirem por tanto tempo, mas vocês esperavam que eu explicasse todos esses conceitos. Obrigado.